



Fazer política em casa e fora de casa – O Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST¹

Doing politics at home and outside – The Gender and Religion Program at Faculdades EST

André S. Musskopf*

Marcia Blasi**

Resumo: Criado em 2008, o Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST sistematiza uma proposta epistemológica fundada nos estudos feministas e articulada com a educação popular. É expressão de saberes produzidos ao longo das últimas décadas e se entende como agente no atual contexto acadêmico, político e religioso. Este artigo apresenta um resgate desse processo histórico, reivindicando a importância de iniciativas semelhantes no campo dos estudos das religiões. Ele discute sua proposta epistemológica e a forma como articula as temáticas “gênero”, “religião” e “política”. Como articulador dos debates sobre gênero numa instituição superior, busca estabelecer parcerias com igrejas e grupos religiosos, organizações da sociedade civil e movimentos sociais, governos e agentes públicos/as. O resultado dessas ações pode-se perceber em atividades como projetos de ação comunitária, publicações e atividades acadêmicas como o Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.

Palavras-chave: Programa de Gênero e Religião. Teologia feminista. Faculdades EST. Política e epistemologia.

Abstract: Created in 2008, the Gender and Religion Program systematizes an epistemological proposal based on feminist studies and articulated with popular education. It is an expression of knowledges produced over the last decades and understands itself as an agent in the current academic, political and religious context. This article presents a recount of this historical process, claiming the importance of similar initiatives in the field of the studies of religion. It discusses its epistemological proposal and the way it articulated the fields of “gender”, “religion”, and “politics”. As

¹ Esse texto é uma versão revisada do que foi apresentado na mesa temática “Gênero, religião e política” do II Simpósio Internacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), da qual também participaram as professoras doutoras Anete Roese, Sandra Duarte e Maria dos Campos Dolores Machado.

* Doutor em Teologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia – Cátedra de Gênero e Religião. Integrante da coordenação do Programa de Gênero e Religião e líder do Núcleo de Pesquisa de Gênero da Faculdades EST. Contato: <asmusskopf@hotmail.com>.

** Doutoranda em Teologia. Professora nos cursos de graduação. Integrante da coordenação do Programa de Gênero e Religião e do Núcleo de Pesquisa de Gênero da Faculdades EST. Contato: <retlahos13@hotmail.com>.



an articulator of the debates on gender at a higher education institution, it seeks to establish partnerships with churches and religious groups, organizations of civil society and social movements, governments and public agents. The result of those actions is noticeable in activities such as projects of community service, publications and activities such as the Latin American Congress on Gender and Religion.

Keywords: Gender and Religion Program. Feminist theology. Faculdades EST. Politics and epistemology.

Introdução

Política e poder não são temas novos para o feminismo tanto em suas vertentes teóricas como em suas vertentes “políticas”. Já se pode traçar uma genealogia dessa discussão, perceber e analisar todas as nuances e transformações no campo da reflexão e da ação, assim como seus opositores e suas estratégias, sendo a mais recente o uso da expressão “ideologia de gênero”. Objeto de diversas análises e opiniões, o emprego dessa expressão, há muito presente no campo dos estudos feministas e de gênero,² por meio de uma campanha organizada de propaganda muito eficiente com o intuito de criar um pânico moral, tem colocado novos desafios nesse campo já frágil e revelado, de certa forma, como as estruturas dominantes e seus representantes reagem quando se sentem ameaçados no campo das relações políticas e de poder. Um tipo de histeria que, não fosse por defender uma dita “tradição e bons costumes” e os privilégios dos mesmos, não tardaria em ser objeto de diagnósticos psiquiátricos e/ou sentenças judiciais. Mas as históricas são sempre as outras.

Embora esse não seja o tema central do presente artigo, entende-se que o que aqui se apresenta permite entender tanto os caminhos de construção de rotas alternativas na relação entre poder, política, gênero e religião, quanto os tipos de reações que essas construções provocam. Ainda assim, com a apresentação desse exemplo – o Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST – não se pretende que ele explique ou sirva de modelo a ser reproduzido sem críticas e contextualizações. Trata-se, por um lado, de fazer um registro histórico (absolutamente parcial e localizado) e, por outro, refletir sobre os pressupostos teóricos e epistemológicos que se fazem presentes na atual configuração desse espaço institucional. Sem dúvida, haverá diversas lacunas e perspectivas de análise que poderão ser exploradas em pesquisas futuras.

Nesse sentido, considerando o campo mais amplo da discussão sobre “política e poder”, este texto propõe pensar de que forma tem sido possível intervir nas políticas institucionais (e as relações de poder que as mantêm) do ponto de vista local. Nesse caso, o “local” se refere a uma instituição de ensino superior, credenciada pelo Ministério da Educação (vínculo estatal) e ligada a uma igreja (vínculo religioso/denominacional) – a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

² Para referir-se, por exemplo, a uma “ideologia patriarcal de gênero” (SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 123-132) ou a uma “ideologia heterossexual” (ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent Theology*. London: Routledge, 2001. p. 13).

(IECLB). Entende-se, assim, esse espaço como produtor de conhecimento acadêmico (nos níveis de extensão, ensino e pesquisa), mas também como um ator político tanto pelo conhecimento que produz em seu contexto quanto pelos efeitos que esse conhecimento pode ter no campo mais amplo das relações sociais e esferas de interação, seja através da atuação direta de seus e suas integrantes, seja de maneira indireta pelos discursos, práticas e imagens produzidos a partir e sobre ela e divulgadas na esfera pública.

Antes do Programa de Gênero e Religião – A Cadeira de Teologia Feminista

Em 2015, a Faculdade EST celebrou 25 anos de criação da Cadeira de Teologia Feminista. Segundo Wanda Deifelt, primeira professora a ocupar essa Cadeira,

Durante 1989 e 1990, este processo culminou na criação de uma cadeira universitária com a seguinte descrição: tornar as mulheres mais visíveis no currículo teológico, ensinar e pesquisar sobre os avanços da Teologia Feminista (como estava sendo elaborada em outras partes do mundo), ajudar na conscientização dos estudantes sobre a realidade das mulheres nas comunidades (considerando que a maior parte da membresia das igrejas é feminina) e manter um vínculo com os movimentos de mulheres, tanto seculares como eclesiais.³

O processo ao qual Wanda Deifelt se refere são as atividades e a discussão promovidas durante cinco anos através do Comitê Pró-Teóloga.⁴ Embora não seja objeto de discussão da autora nesse texto, há uma história precedente da qual a autora participou ativamente e que demonstra como se chegou à criação dessa Cadeira, bem como as opções teóricas e políticas que a ela deram forma.

Em estudo publicado em 2014 – *Teologia feminista e de gênero na Faculdade EST: a construção de uma área do conhecimento* –, realizou-se um levantamento de trabalhos acadêmicos produzidos na instituição na área mencionada. Além disso, buscou-se traçar o caminho percorrido para a emergência desse campo de estudos a partir de pesquisas realizadas, em sua maioria, por estudantes da própria instituição – a maioria delas não publicadas.⁵ Pelo menos duas questões, aparentemente óbvias, merecem destaque nesse processo: a presença de mulheres no curso de Teologia e a discussão sobre ordenação de mulheres ao ministério eclesial na Igreja. Embora não se tenha conhecimento de registros de uma decisão ou aprovação formal com relação a essas duas questões, ainda que as pesquisas indiquem diversas discussões em diversos níveis, tanto na

³ DEIFELT, Wanda. Teologia feminista: uma história construída em mutirão. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia. *História, saúde e direitos*. São Leopoldo: CEBI, 2016, p. 23.

⁴ Segundo a autora, “Estudantes da Faculdade de Teologia se reuniram durante cinco anos em um comitê chamado Pró-Teóloga. De 1985 a 1990, este grupo, composto por homens e mulheres, organizou semanas acadêmicas e seminários voltados às questões de gênero, convidando teólogas do Brasil e de outros países da América Latina como professoras visitantes”. (DEIFELT, 2016, p. 22-23).

⁵ Cf. MUSSKOPF, André S. *Teologia feminista e de gênero na Faculdade EST: a emergência de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014, p. 27-33.

Igreja (IECLB) como na Faculdade de Teologia, o referido estudo demonstra que o ingresso de mulheres em ambos os campos foi fundamental para os desenvolvimentos posteriores.

A primeira mulher a estudar teologia na Faculdades EST ingressou no curso em 1952, seis anos após a criação da própria instituição. No entanto, foi apenas na década de 1970 que houve um ingresso mais significativo em termos numéricos de mulheres no curso, cujo ápice ocorreu nos anos iniciais da década de 1980, seguido de uma queda nos anos seguintes e de um novo aumento significativo nos anos finais dessa década. Quando comparado com o número de trabalhos acadêmicos produzidos e disponibilizados na biblioteca da instituição,⁶ percebe-se que é nesse período que se inicia uma produção acadêmica mais sólida por parte das mulheres, inclusive ultrapassando numericamente o número de ingressas no curso (especificamente no ano de 1984),⁷ sendo o período em que mais se aproxima do número de trabalhos produzidos por homens (especificamente nos anos de 1983 e 1984).⁸ Embora nem todos os trabalhos produzidos por mulheres possam ser classificados como reflexões feministas ou sobre questões de gênero, é nesse período que aparecem os primeiros trabalhos produzidos nesse campo de conhecimento, inclusive por homens.⁹

O aumento do número de mulheres estudando teologia e o início de uma produção acadêmica em teologia feminista e sobre questões de gênero também coincidem, não por acaso, com a ordenação das primeiras mulheres ao ministério eclesiástico na IECLB. A primeira mulher foi ordenada ao ministério nessa Igreja em 1982, embora outra mulher já tivesse sido instalada em uma comunidade em 1976, tendo sido ordenada apenas em 1983.¹⁰ Percebe-se, assim, que o aumento no número de mulheres cursando teologia repercute no número de produções acadêmicas disponibilizadas na referida biblioteca em estudo produzidos por elas e que, entre essas produções, há um crescente interesse pela área dos estudos feministas que se perguntam pela formação teológica e pelo lugar das mulheres na Igreja (ministério ordenado). É essa presença e produção que coloca as bases para uma discussão mais ampla em termos de política institucional que redundará na criação da Cadeira de Teologia Feminista.¹¹

⁶ Sobre os trabalhos acadêmicos disponibilizados na biblioteca da instituição, cf. MUSSKOPF, 2014, p. 42-43.

⁷ Cf. Gráfico 10 e descrição em: MUSSKOPF, 2014, p. 54. Há trabalhos produzidos por homens disponibilizados na Biblioteca desde 1972. O primeiro trabalho produzido por uma mulher é de 1979.

⁸ Cf. Gráfico 9 e descrição em: MUSSKOPF, 2014, p. 53.

⁹ Cf. gráficos 11, 12 e 13 e descrições em: MUSSKOPF, 2014, p. 55-56.

¹⁰ MUSSKOPF, 2014, p. 28. Cf. estudo aprofundado do tema em: FREIBERG, Maristela Livia. *Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, 1997.

¹¹ É preciso considerar aqui também a influência de debates e realidades semelhantes em outros contextos, particularmente na Europa e América do Norte, que marcaram a produção teológica e a vida eclesiástica do luteranismo no Brasil, bem como as novidades vividas na América Latina dentro do contexto da Teologia da Libertação.



Mas não é possível pensar nesses dois elementos (presença e produção de conhecimento) sem um terceiro, tão ou mais importante: a organização. Antes mesmo do já mencionado Comitê Pró-Teóloga, formado por estudantes homens e mulheres, há que se dar conta da importância que teve a “República de Mulheres” do *Sumploch*,¹² e do Grupo de Mulheres que durante anos sustentou as mulheres no estudo da teologia e na sua formação teológica feminista.¹³ A existência de uma organização própria de mulheres, primeiramente em âmbito estudantil, como espaço de apoio mútuo, mas fundamentalmente como espaço de debate e produção de conhecimento, representa um ponto-chave naquilo que pode ser considerado a construção de uma política nesse campo, capaz de questionar as tradicionais relações de poder institucionais e na produção acadêmica.

No “balanço” realizado por Wanda Deifelt, especialmente através da retomada de alguns trechos de relatórios enviados à Igreja Reformada da Holanda, financiadora da Cadeira até 2005, é possível perceber a importância e a abrangência das atividades desenvolvidas por ela.¹⁴ No entanto, como se percebe pela própria referência aos relatórios enviados à financiadora, a Cadeira se constituiu ao longo dos anos muito mais como um projeto do que como uma política institucional sustentável. Embora seu escopo de atuação tenha sido muito amplo, do ponto de vista formal sua efetividade se deu principalmente em nível acadêmico, de modo especial na qualidade de componente curricular obrigatório do Bacharelado em Teologia, como permanece até hoje apesar das várias mudanças curriculares ocorridas. Desse ponto de vista, segundo a autora,

uma das maiores conquistas de todo este processo foi o fato de a disciplina de Teologia Feminista fazer parte do currículo regular do curso de graduação em Teologia. Em outras palavras, tratava-se de uma disciplina obrigatória a todos os homens e todas as mulheres cursando o bacharelado em Teologia e se preparando para exercer seus ministérios.¹⁵

E como a própria autora pondera:

Sem dúvida, a existência de uma Cadeira de Teologia Feminista ou de um Programa de Gênero e Religião não implica, por si só, em um redimensionamento da educação teológica sem que haja, também, um corpo estudantil comprometido e um corpo docente engajado no mesmo projeto de superação de dicotomias, exclusão e preconceitos. Este é um processo longo, que implica em uma discussão contínua sobre o papel da educação teológica.¹⁶

Em certo sentido, a criação da Cadeira de Teologia Feminista deu-se no contexto da expansão institucional no âmbito da pós-graduação através dos cursos de mestrado (1981/1983) e doutorado (1990). A julgar pela produção de dissertações e teses, no entanto, percebe-se que as

¹² Cf. JARSCHER et al. “Sumpfloch, a República das Mulheres”. In: *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 94-108, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2487/2342>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

¹³ MUSSKOPF, 2014, p. 29. Mais sobre o Grupo de Mulheres em: BALDUS, Dione Carla. *Historiografia do Grupo de Mulheres*. Monografia. São Leopoldo: EST, 2002.

¹⁴ DEIFELT, 2016, p. 24-26.

¹⁵ DEIFELT, 2016, p. 24.

¹⁶ DEIFELT, 2016, p. 26.



questões feministas e de gênero ainda não tinham chegado ao âmbito da pesquisa acadêmica até a criação da Cátedra de Teologia Feminista.¹⁷ É a partir de meados da década de 1990, já sob o impacto da Cadeira e da atuação da docente contratada também no âmbito da pós-graduação, que aparecem as primeiras monografias, dissertações e teses identificadas como produção feminista e que tematizam questões de gênero.¹⁸

No âmbito da pós-graduação, o que se percebe a partir de então é uma ampla produção que soma: 40 pesquisas feministas (26 dissertações e 14 teses), 19 pesquisas sobre gênero (8 dissertações e 11 teses), 106 pesquisas que incluem discussão sobre gênero e/ou feminismo (69 dissertações e 37 teses) e 46 pesquisas com presença significativa de autoras mulheres nas referências (27 dissertações e 19 teses),¹⁹ comprovando o impacto da discussão feminista e de gênero em 60% das pesquisas produzidas no Programa. O mesmo se percebe no Bacharelado em Teologia, onde, no período de 1991 a 2012 (período analisado pela pesquisa), há uma produção contínua nessa área somando: 28 trabalhos classificados como “feminista e/ou de gênero”, 12 “sobre questões de gênero”, 19 que “incluem discussão sobre gênero/feminismo” e 38 “com presença significativa de autoras mulheres nas referências”.²⁰

Outro elemento importante que decorre disso que estamos chamando aqui de uma “política institucional” (a Cadeira de Teologia Feminista) e que está intimamente ligado a esse aumento da produção acadêmica nessa área é a criação do Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG). O NPG foi o primeiro Grupo de Pesquisa da instituição credenciado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 1999, reunindo majoritariamente estudantes de pós-graduação com pesquisas ou com interesse na área. O Núcleo sempre manteve uma forte ligação com grupos e movimentos sociais, integrou estudantes de graduação e atuou também como agente político dentro e fora da instituição. Além disso, configurou-se como uma ação do Projeto Cadeira de Teologia Feminista, conforme atestam os relatórios enviados à agência financiadora.²¹

A criação do Núcleo de Pesquisa de Gênero viabilizou uma maior articulação entre as diversas pesquisas realizadas na instituição, um espaço de discussão e articulação política, e deu visibilidade à produção acadêmica desenvolvida na área. Duas ações que demarcam essa intencionalidade são a publicação de livros e a realização de eventos acadêmicos. Destaca-se aqui a primeira publicação coletiva do Núcleo – o livro *À flor da pele: Ensaio sobre gênero e*

¹⁷ MUSSKOPF, 2014, p. 57-58.

¹⁸ Cf. Gráfico 44 em: MUSSKOPF, 2014, p. 105. Para uma análise detalhada, cf. p. 87-108.

¹⁹ Cf. tabela em: MUSSKOPF, 2014, p. 103. A pesquisa utilizou cinco categorias para classificação das produções acadêmicas. A quinta categoria é “não feminista” e representa 40% dos trabalhos analisados. Sobre as categorias e os critérios de classificação, cf. p. 37-38.

²⁰ MUSSKOPF, 2014, p. 80. Cf. gráficos 29, 30, 31 e 32 nas páginas seguintes.

²¹ Cf. DEIFELT, 2016, p. 24-26.



*corporeidade*²² – e a realização do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. A publicação do livro foi um marco tanto pela metodologia,²³ a partir da qual foi elaborado, quanto por ter se tornado uma referência na área. A sua produção também inspirou os eixos temáticos a partir dos quais foi organizado o I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião – Corporeidade, Etnia e Masculinidade, realizado também em 2004. Desde então, no marco da Cadeira de Teologia Feminista foi realizado mais um congresso e foram publicados dois livros como resultado dos próprios congressos.²⁴

O ano de 2004 igualmente marcou a saída da coordenadora do Projeto Cadeira de Teologia Feminista, Wanda Deifelt, a contratação de nova coordenadora, Elaine G. Neuenfeldt, e o início de um novo triênio de financiamento pela agência holandesa Kerk in Actie. Elaine G. Neuenfeldt esteve à frente do Projeto dando continuidade às atividades até o ano de 2008, quando também deixou a instituição, coincidindo com o final do projeto de financiamento e um o início das discussões acerca da criação do Programa de Gênero e Religião. Foi também o Núcleo de Pesquisa de Gênero que assumiu a tarefa política de discutir a criação desse Programa e sua continuidade em 2008 e 2012.

Repensar o lugar da teologia feminista num contexto de instabilidades – A criação do Programa de Gênero e Religião

O ano de 2008 foi o último do triênio de financiamento da Cadeira de Teologia Feminista por parte da Kerk in Actie. No processo de negociação para um novo financiamento não foi possível aprovar um projeto nos mesmos termos. A partir de várias discussões internas e com a agência, foi aprovado um novo projeto para o triênio 2009-2011 com a ICCO/Kerk in Actie que tinha como eixo central a criação do “Programa de Gênero e Religião”. Esse novo Projeto apresentava as principais atividades desenvolvidas até então no âmbito da Cadeira de Teologia Feminista, mas em termos de recursos fundamentalmente garantia a realização de um curso de especialização na área de estudos de gênero em parceria com organizações do nordeste do Brasil, o pagamento de número limitado de horas para a coordenação do Programa e recursos para a realização do III Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.

²² DEIFELT, Wanda; STRÖHER, Marga J.; MUSSKOPF, André S. *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

²³ Todos os textos foram discutidos em reuniões do Núcleo de Pesquisa de Gênero contando com contribuição das e dos participantes e dando uma organicidade aos textos que dialogam uns com os outros, embora tenham autoria diferente.

²⁴ O II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião ocorreu em 2006 tendo como eixos temáticos epistemologia, sexualidade e violência. As publicações com as conferências apresentadas nos congressos são: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2005; e NEUENFELDT, Elaine G.; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara S. *Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

Dentro da periodicidade proposta, o III Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião deveria ter sido realizado em 2008. No entanto, já com recursos reduzidos, optou-se pela realização de um seminário para fazer um balanço sobre teologia feminista e pensar os rumos dessa discussão na instituição tendo em vista a própria limitação de recursos advindos de financiamento externo. Em 27 de junho daquele ano realizou-se o seminário “Teologia Feminista – Trajetórias, diálogos, rupturas e horizontes”.²⁵ Reuniões e trocas de e-mails entre integrantes do Núcleo de Pesquisa de Gênero deram continuidade à discussão sobre as mudanças com relação à Cadeira de Teologia Feminista no novo cenário. Um dos temas importantes dessa discussão foi a utilização de “gênero” como articulador dessa nova proposta, temendo-se perder o referencial feminista.

De 2009 a 2010, Marga Janete Ströher, que já era docente da instituição na área de Novo Testamento, assumiu as funções de coordenadora do Programa de Gênero e Religião em tempo parcial. Em 2009, sob sua coordenação, realizou-se o III Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, tendo como eixos temáticos “Est(ética) e Direitos Humanos”.²⁶ De 2010 a 2012, Márcia Elaine Leindcker da Paixão, à época também vice-reitora da Faculdades EST e docente da área de Teologia Prática – Diaconia, foi responsável pela coordenação do referido Programa.²⁷ Durante esse período houve uma redução drástica nas atividades desenvolvidas em relação à Cadeira de Teologia Feminista, sem dúvida motivada pela redução de financiamento, uma vez que, em grande medida, as ações da cadeira e do Programa constituíam-se como um projeto dependente de recursos externos. O estudo acima mencionado também apontou a redução da produção acadêmica na área nesse período em todos os âmbitos da Faculdades EST.²⁸

O ano de 2013 marcou o início de uma nova fase para o Programa de Gênero e Religião na Faculdades EST. Considerando as instabilidades vividas de 2009 a 2012, a execução do projeto de financiamento com a ICCO/Kerk in Actie atrasou e foi encerrada nesse ano com a concessão de bolsas de estudo para estudantes do Mestrado Profissional vindas e vindos do norte e nordeste do Brasil desenvolvendo pesquisas na área dos estudos de gênero,²⁹ a edição de dois livros³⁰ e a

²⁵ Cf. Programa do evento em: Teologia Feminista – Trajetórias, diálogos, rupturas e horizontes. Disponível em: <http://www.cebi.org.br/_print.php?type=news&id=709>. Acesso em: 18 ago. 2016.

²⁶ CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO. São Leopoldo. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 3, 2009.

²⁷ Entre 2010 e 2012, realizou-se um curso de especialização em “Gênero, corporeidade e religião” em parceria com a Faculdade Batista Brasileira, em Salvador, Bahia

²⁸ MUSSKOPF, 2014. Cf. especialmente gráficos 31 e 32 (p. 82), gráficos 44 e 45 (p. 105; 106).

²⁹ Por conta de dificuldades da realização de cursos de especialização no nordeste do Brasil, como previsto no Projeto original, foi acordado com a agência a concessão de cinco bolsas para estudantes do mestrado profissional.

³⁰ Trata-se de MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). *Ainda feminismo e gênero: Histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014. Esta publicação reúne artigos produzidos por integrantes do Núcleo de Pesquisa de Gênero. Cf. também: MUSSKOPF, 2014, que é o resultado da pesquisa realizada durante 2013 já com apoio da Igreja da Suécia.

realização de algumas atividades de extensão. Além disso, foi aprovado um projeto-ponte³¹ com a Igreja da Suécia³² para contratação de uma coordenação em tempo parcial, desenvolvimento de pesquisa sobre teologia feminista e de gênero na Faculdades EST, realização de algumas atividades e, fundamentalmente, a construção de um projeto mais substancial para a reestruturação do Programa de Gênero e Religião. Fundamental nesse processo foi a atuação do Núcleo de Pesquisa de Gênero, que vinha se reunindo e discutindo com a reitoria desde 2012 a necessidade de repensar e reestruturar o Programa de Gênero e Religião.

Assim, durante o ano de 2013 construiu-se uma proposta de reestruturação do Programa e elaborou-se um projeto de financiamento que afirmava:

A consolidação do Programa de Gênero e Religião coloca-se como estratégica e fundamental, buscando incidir na reflexão teológica, bem como na prática política, não apenas para a Faculdades EST, mas como contribuição para as igrejas e para a sociedade latino-americana como um todo, tendo como meta a justiça e equidade de gênero em todos os âmbitos.³³

A reestruturação do Programa de Gênero e Religião e sua proposta epistemológica

Com a aprovação do projeto “Programa de Gênero e Religião: Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe” para financiamento por parte da Igreja da Suécia, em 2014 deu-se início ao processo de reestruturação do Programa de Gênero e Religião. Em termos teóricos e políticos, o projeto reafirmava os elementos contidos na proposta de criação do Programa, resgatando as questões desenvolvidas ao longo dos anos pela Cadeira de Teologia Feminista e colocando essas questões para o novo contexto institucional e mais amplo de atuação. Segundo o projeto,

O Programa de Gênero e Religião na Faculdades EST é compreendido como espaço articulador das lutas históricas do **movimento feminista**, de maneira especial no campo da **Teologia**, mas, simultaneamente, desde uma perspectiva **interdisciplinar**, dialogando com outros campos do saber. Nesse sentido, fundamenta-se nas teorias e conceitos desenvolvidos no âmbito do **feminismo**, questionando as estruturas responsáveis pela construção das desigualdades entre homens e mulheres de modo específico, e motivadas pelos diversos **entrecruzamentos** de pertença social de maneira ampla (incluindo, mas não se restringindo a, raça/etnia, classe social, sexualidade, geração, habilidade). Por isso, incorpora as **teorias de gênero** como instrumental de análise e crítica dessas estruturas, capaz de evidenciá-las nas relações cotidianas e também nas formas de **produção de conhecimento** e do conhecimento legitimado como hegemônico. Não por último, entende o seu papel como agente de **transformação** a partir do diálogo com **diversos atores sociais**, incluindo igrejas e religiões, sociedade civil e

³¹ Como foi um projeto emergencial, trabalhou-se com a ideia de manutenção de algumas atividades tendo em vista a discussão sobre um projeto maior que garantisse a sustentabilidade do Programa nos anos seguintes.

³² A Faculdades EST já tinha parceria com a Igreja da Suécia através do Projeto Teologia e HIV/Aids, desenvolvido de 2010 a 2013, mas que não estava ligado ao Programa de Gênero e Religião. Cf.: STRECK, Valburga Schmiedt (org.). *Teología y VIH y SIDA en América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

³³ FACULDADES EST. Projeto “Programa de Gênero e Religião: Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe”. Documento institucional, 2013, p. 13.

movimentos sociais, políticas públicas e governos, tendo como meta a **construção de relações sociais justas e igualitárias**.³⁴

A partir desse marco teórico, construiu-se também um organograma que tinha como objetivo visibilizar um jeito específico de articular a produção de conhecimento à atuação política, considerando ao mesmo tempo os diferentes níveis da educação superior (ensino, pesquisa e extensão) e as diferentes articulações e parcerias dentro e fora da instituição. A construção desse organograma foi inspirada nas reflexões de Oscar Jara:

Segundo [Oscar Jara], ao invés de pensarmos essa relação como algo linear e hierárquico, é preciso enxergá-la a partir da ideia de três eixos interdependentes e igualmente importantes, como uma “mandala”. O educador disse ainda que é fundamental entender a educação como um desafio criador que envolva e estimule a curiosidade, a criatividade e a criticidade. Para isso, é preciso compreender a relação dialética e dialógica que deve permear a relação entre sociedade e universidade a partir da pesquisa, do ensino e da extensão universitária.³⁵

A partir da figura da mandala, buscou-se representar a articulação entre os distintos níveis de ensino colocando, no entanto, a extensão em primeiro lugar. Essa inversão fundamenta-se na ideia de que a extensão universitária não é apenas uma forma de “socializar” o conhecimento produzido na academia, mas de fato é lugar de diálogo de onde emergem as práticas que sustentam as atividades de ensino e que fazem surgir temas relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, como agentes desse diálogo definiram-se: “igrejas e religiões”, referindo-se tanto a instituições religiosas quanto a grupos e movimentos com vínculo religioso; “sociedade civil e movimentos sociais”, especialmente mas não restrito àqueles vinculados a questões feministas, de gênero e sexualidade; e “governos e políticas públicas”. O conceito-chave na relação com esses e essas agentes e na articulação dessa mandala é “parceria”, entendida mais uma vez como o estabelecimento de vínculos por meio da participação nesses espaços e no desenvolvimento de ações e atividades conjuntas. São essas parcerias no âmbito da extensão que informam e ajudam a definir as atividades específicas ao âmbito do ensino e da pesquisa (como cursos, componentes curriculares, orientações de trabalhos acadêmicos, projetos de pesquisa e iniciação científica, grupos de pesquisa, publicações e eventos acadêmicos). A figura da mandala, então, permite não apenas visualizar essas múltiplas relações e intersecções, mas também o seu caráter vivo e dinâmico garantido pelas distintas parcerias.³⁶

A partir das concepções teóricas e políticas presentes na proposta de reestruturação do Programa de Gênero e Religião, diferentes elementos foram sendo construídos para dar vida a essa

³⁴ FACULDADES EST, 2013, p. 5, grifo do original.

³⁵ “Oscar Jara e as fronteiras da extensão”. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/prorext/news/oscar-jara-e-as-fronteiras-da-extensao>>. Acesso em: 20 maio 2013 apud FACULDADES EST, 2013, p. 6.

³⁶ O organograma na figura da mandala contendo todos esses elementos pode ser visto em: PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO. Apresentação. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/conheca-a-est/programa-de-genero-e-religiao>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

proposta.³⁷ Ainda no início do processo, o Programa foi convidado a executar um segundo projeto financiado pela Igreja da Suécia com o tema “Teologia e sexualidade, saúde reprodutiva e direitos” (TSSRD).³⁸ Esse Projeto, com características próprias, em grande medida potencializou diversas ações previstas no projeto de reestruturação do Programa. Através dos dois projetos de financiamento, por exemplo, foi possível constituir uma equipe de trabalho, responsável pela execução das atividades proposta.

A formação e dinâmica da equipe de trabalho do Programa de Gênero e Religião a partir de 2014 foram fundamentais para a sua reconfiguração como espaço de produção de conhecimento e articulação política dentro e fora da instituição. Constituiu-se uma coordenação para o Programa, uma coordenação específica para cada projeto com financiamento; contrataram-se assistentes de projetos; concederam-se benefícios para estudantes de graduação no âmbito da iniciação científica e para estudantes de pós-graduação como assistentes de pesquisa.³⁹ Dessa forma, garantia-se uma equipe mínima para a execução dos projetos, mas que buscava incluir também estudantes, como forma de ser igualmente um espaço de formação e manter um vínculo mais formal com o ensino e a pesquisa. Apesar dos diferentes papéis e atribuições, buscou-se sempre a articulação de processos de trabalho coletivos, respeitando e valorizando as diferentes experiências e habilidades trazidas pelos integrantes, particularmente através de reuniões semanais de planejamento e debate, atividades de formação, bem como retiros e espaços de socialização e convivência.

Outros elementos importantes para a materialização da proposta foram o uso de ferramentas de comunicação, a criação de uma marca e de materiais de divulgação e outros instrumentos que ajudaram a dar visibilidade, fortalecer institucionalmente a sua proposta e estabelecer vínculos externos para divulgação e diálogo. Entre as ferramentas de comunicação, configurou-se o blog criado pelo Núcleo de Pesquisa de Gênero para divulgar as ações do Programa, mas também materiais para reflexão e atividades desenvolvidas por organizações parceiras.⁴⁰ Com isso, o número de publicações aumentou assim como sua repercussão, seja através de pessoas que se cadastraram no próprio blog, seja pelo aumento do número de acessos,

³⁷ O projeto “Programa de Gênero e Religião: Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe” ainda está em execução. Em sua proposta original, previu-se, de modo amplo, o seguinte cronograma: 2014 – reestruturação local; 2015 – expansão para América Latina e Caribe; 2016 – consolidação (FACULDADES EST, 2013).

³⁸ Trata-se de uma segunda fase do Projeto Teologia e HIV/Aids, desenvolvido de 2010 a 2012 e reformulado no ano de 2013 tendo como foco a pesquisa na sua relação com extensão através da metodologia de pesquisa participante.

³⁹ Em 2014, a equipe era composta por uma docente e um docente na coordenação do Programa, responsáveis também pela coordenação de cada um dos projetos. Havia também duas assistentes de projetos, duas estudantes bolsistas de iniciação científica (uma em cada projeto) e duas assistentes de pesquisa (uma em cada projeto). A partir do segundo semestre de 2014, o Projeto TSSRD passou a contar com uma segunda assistente de pesquisa e, a partir de 2015, também com uma assistente de projetos.

⁴⁰ O endereço eletrônico do blog é: <<https://npgenero.wordpress.com>>.

especialmente com o compartilhamento das postagens nas redes sociais. Criou-se também um perfil no Facebook⁴¹ que ajudou a repercutir os materiais colocados no blog, mas também outras informações e contatos. Além disso, a criação de um espaço na página institucional da Faculdades EST permitiu disponibilizar informações mais programáticas e colocar o Programa de forma mais clara na agenda da instituição, da mesma forma que diversas notícias veiculadas no próprio *site* em outros espaços.⁴²

A marca atualmente utilizada para identificar o Programa foi desenvolvida num processo bastante espontâneo, mas, ao mesmo tempo, como expressão da sua proposta epistemológica e política. Inicialmente utilizada numa mensagem de Natal em 2013, “a árvore” passou a ser incorporada e usada em outros espaços e materiais de divulgação até receber sua formatação final pelo trabalho de uma agência de publicidade em diálogo com a equipe.⁴³ A partir de então, ela passou a ser usada, por exemplo, em um material de divulgação que apresenta o Programa distribuído nos mais diversos espaços e traduzido também para o espanhol e o inglês e em diversos materiais promocionais (pastas, camisetas, xícaras). Tanto a estética quanto o conteúdo expresso nessa marca têm provocado reações muito positivas e se configura, ela mesma, numa forma de produção de conhecimento.

Sem dúvida, o Núcleo de Pesquisa de Gênero continua sendo um espaço fundamental para o desenvolvimento da Missão do Programa, como espaço de articulação e debate com pesquisadores e pesquisadoras da instituição e de fora dela, estudantes de vários cursos, lideranças comunitárias e pessoas em geral interessadas nas temáticas discutidas, sendo que os dois espaços acabam muitas vezes sendo confundidos. Sua articulação tem sido importante, por exemplo, na produção de publicações e organização de eventos acadêmicos.⁴⁴ Ainda em 2014, foi significativa e simbólica para o processo de reestruturação do Programa de Gênero e Religião a concessão do título de Doutora *Honoris Causa* à teóloga e filósofa Ivone Gebara durante o IV Congresso Internacional da Faculdades EST, cuja cerimônia foi organizada pela equipe do Programa e integrantes do Núcleo de Pesquisa de Gênero.⁴⁵ Já em 2015, o evento que marcou o

⁴¹ Transformado em página em 2016. Cf.: <<https://www.facebook.com/programadegeneroereligiao/?fref=ts>>.

⁴² Cf. PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/conheca-a-est/programa-de-genero-e-religiao/>>.

⁴³ A marca do Programa de Gênero e Religião está em forma de círculo, com uma árvore com três galhos principais, cujas folhas são representadas pelos tradicionais símbolos para o “feminino” e o “masculino” apresentadas todas em formatações e cores diferentes, com o nome do Programa à esquerda e a marca da Faculdades EST à direita.

⁴⁴ As principais publicações já foram referenciadas ao longo do texto e muitas estão disponíveis em formato digital de acesso gratuito. Cf.: <http://www.est.edu.br/biblioteca/biblioteca-digital#livros_digitais>.

⁴⁵ Cf. SCHUCHARDT, Ketlin Laís; SENER, Sabrina (org.). *Ivone Gebara Doutora Honoris Causa*. São Leopoldo: EST, 2014. Disponível em: <http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Ivone_Gebara_Honoris_Causa_FINAL.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2016. O Programa de Gênero e Religião também apoiou a publicação de: CARDOSO, Nancy; CARVALHAES, Cláudio (org.). *Querida Ivone: Amoras cartas de teologia & feminismo*. São Leopoldo: CEBI, 2014, lançado no evento.



processo de reestruturação do Programa de Gênero e Religião, refletindo sua proposta epistemológica, foram o IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião⁴⁶ e o lançamento de um novo periódico: “Coisas do gênero – estudos feministas em gênero e religião”.⁴⁷

Essas ferramentas e esses instrumentos têm dado materialidade e aprofundado a proposta política e epistemológica do Programa de Gênero e Religião. Além disso, têm dado sustentação para outros processos em âmbito de política institucional, como a aprovação de documentos que o consolidam como ação perene da instituição. Destacam-se aqui a aprovação do Regimento do Programa de Gênero e Religião que define o escopo do Programa, seus objetivos, estrutura e funcionamento⁴⁸ e da Política de Justiça de Gênero, que define o conceito de “justiça de gênero” como princípio teológico, pedagógico e ético da instituição.⁴⁹ Do ponto de vista da política e das relações de poder, este talvez seja o passo mais significativo na construção de uma política institucional que reconheça a “justiça de gênero” como um componente político e epistemológico que não se restrinja a um espaço específico, como o Programa de Gênero e Religião (cujas tarefas são de articulador), ou esteja circunscrito a projetos de financiamento externo, como tem sido o caso até agora. Diversos efeitos da aprovação desses documentos já podem ser sentidos em diferentes âmbitos na instituição, mas também fora dela.

Considerações finais

Os objetivos estabelecidos pela Política de Justiça de Gênero da Faculdades EST expressam tanto o trabalho desenvolvido pelo Programa de Gênero e Religião, responsável por sua construção e articulador para sua aprovação, como os desafios colocados para o próprio Programa e a instituição como um todo, e vale a pena citá-los:

1. Envolver toda a comunidade da Faculdades EST na discussão e implementação da Política de Justiça de Gênero.
2. Possibilitar a formação integral do ser humano, fundada na justiça de gênero e na superação da discriminação e da exclusão social, econômica, cultural, política e religiosa.
3. Incentivar o debate, o estudo, a pesquisa e a publicação sobre justiça de gênero em todos os cursos da instituição.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.est.edu.br/conheca-a-est/programa-de-genero-e-religiao/congresso-latino-americano-de-genero-e-religiao>>. Muitos materiais foram produzidos no âmbito do IV Congresso, como *Caderno de Resumos*, anais, publicações organizadas por grupos de trabalho e um novo livro, ainda em fase de editoração, com as conferências e palestras.

⁴⁷ Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>>.

⁴⁸ PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO DA FACULDADES EST. Regimento. Disponível em: <http://www.est.edu.br/regulamento_genero.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

⁴⁹ Cf. POLÍTICA DE JUSTIÇA DE GÊNERO – FACULDADES EST. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v.1, n. 1, p. 114-124, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2490/2344>>. Acesso em: 20 ago. 2016.



4. Assegurar aos funcionários e às funcionárias, docentes, discentes e às pessoas residentes e/ou hospedadas na instituição um ambiente justo de trabalho, estudo e moradia.
5. Reconhecer e utilizar a linguagem inclusiva de gênero como ferramenta de afirmação e promoção da justiça de gênero e, conseqüentemente, de afirmação da dignidade de todas as pessoas.
6. Promover a equidade e o equilíbrio de gênero em todos os setores de produção e gestão do conhecimento, de representação e de governança institucional.
7. Promover a construção de políticas públicas e institucionais de justiça de gênero.

Não é possível pensar o Programa de Gênero e Religião sem considerar a trajetória da Cadeira de Teologia Feminista e a atuação, especialmente de estudantes, que conduziram à sua criação. Indubitavelmente esse processo marcou as formas de produção de conhecimento na instituição, bem como as políticas e relações de poder na instituição e para além dela, seja através de docentes, discentes e funcionários e funcionárias do corpo técnico-administrativo que passaram pela ela, seja através de inúmeras ações com grupos e organizações parceiras. Isso vale tanto para o contexto local quanto nacional e internacional.

Nesse sentido, o Programa de Gênero e Religião, a partir de sua criação em 2008 e de sua reestruturação a partir de 2013, segue o desafio de promover o debate e a ação política nesse campo. A utilização do conceito de “justiça de gênero” e a existência de uma “política de justiça de gênero” apresentam-se como um resultado desse processo de luta política e colocam um horizonte para a produção do conhecimento e a ação política que se articula numa instituição de ensino superior como é a Faculdades EST.

Referências

BALDUS, Dione Carla. *Historiografia do Grupo de Mulheres*. Monografia. São Leopoldo: EST, 2002.

CARDOSO, Nancy; CARVALHAES, Cláudio (org.). *Queria Ivone: Amorasas cartas de teologia & feminismo*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO. São Leopoldo. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 3, 2009.

DEIFELT, Wanda. Teologia feminista: uma história construída em mutirão. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia. *História, saúde e direitos*. São Leopoldo: CEBI, 2016.

DEIFELT, Wanda; STRÖHER, Marga J.; MUSSKOPF, André S. *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

FACULDADES EST. Projeto “Programa de Gênero e Religião: Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe”. Documento institucional, 2013.

FREIBERG, Maristela Livia. *Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, 1997.



JARSCHHEL, Haidi; LAMB, Regene; GENZ, Silvia; MANSK, Eri; LUTZ, Marli; BLASI, Marcia; BRUN, Marli. Sumpfloch, a República das Mulheres. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 94-108, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2487/2342>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

MUSSKOPF, André S. *Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST: a emergência de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (org.). *Ainda feminismo e gênero: Histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2005.

NEUENFELDT, Elaine G.; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara S. *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

POLÍTICA DE JUSTIÇA DE GÊNERO – FACULDADES EST. In: *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 114-124, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2490/2344>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO DA FACULDADES EST. Regimento. Disponível em: <http://www.est.edu.br/regulamento_genero.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

PROGRAMA DE GÊNERO E RELIGIÃO. Apresentação. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/conheca-a-est/programa-de-genero-e-religiao/>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

SCHUCHARDT, Ketlin Laís; SENGER, Sabrina (org.). *Ivone Gebara Doutora Honoris Causa*. São Leopoldo: EST, 2014. Disponível em: <http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Ivone_Gebara_Honoris_Causa_FINAL.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2016.

STRECK, Valburga Schmiedt (org.). *Teología y VIH y SIDA en América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

[Recebido em: julho de 2016 /

Aceito em: julho de 2016]